POEMA

O Tango

Renato Gonçalves da Silva

Ela entrou no salão como quem não chega, invade.
Vestia o vermelho das mulheres perigosas,
daquelas que não pedem licença ao desejo
e nem desculpas ao pecado.
O vestido colava-lhe às curvas como uma segunda pele febril,
desenhando ancas largas, cintura estreita,
seios erguidos pela arrogância da própria beleza.
Cada passo seu parecia ensaiado pelo próprio delírio.

Ele a observou em silêncio.
Homem de postura firme, mandíbula cerrada,
olhar de quem aprendera a dominar o mundo
antes mesmo de dominar a si próprio.
Havia nele o rigor dos generais antigos,
a disciplina dos homens que não vacilam.
Mas bastou que ela erguesse os olhos
para que toda aquela fortaleza masculina
sofresse a primeira rachadura.

O bandoneon chorou.
E o tango nasceu entre os dois.

Não era dança.
Era combate.
Era fome.
Era dois corpos tentando sobreviver
ao incêndio que criavam enquanto giravam.

A mão dele tomou-lhe a cintura com firmeza quase insolente.
Ela arqueou o corpo para trás
como se desafiasse a gravidade
e a própria moral dos homens presentes.
O salão desapareceu.
Restaram apenas os sapatos riscando o chão
e o som seco dos saltos
marcando o compasso de uma paixão animalesca e elegante.

Ela girava.
Torcia-se.
Retornava aos braços dele numa entrega feroz, quase cruel.
As pernas se entrelaçavam num desenho preciso,
perigoso, calculadamente indecente.
Havia resistência naquele corpo feminino.
Resistência e provocação.
Como aço revestido de veludo.

Ele a conduzia com autoridade absoluta.
Não precisava de palavras.
O tango é uma língua feita de pressão nas mãos,
tensão nos músculos
e ordens silenciosas dadas pela respiração.
E ela obedecia apenas para desobedecer no instante seguinte,
oferecendo ao homem o eterno desafio que enlouquece os fortes:
a mulher que nunca se entrega por inteiro.

Quando ele a puxava contra o peito,
os seios dela roçavam-lhe a camisa numa tortura lenta.
As ancas desenhavam curvas hipnóticas,
perigosamente perfeitas sob a luz baixa do salão.
Ela sorria com os lábios, mas guerreava com os olhos.

O tango é cruel assim.
Não permite covardes.
Exige domínio, entrega, suor e vertigem.
É a arte de permanecer inteiro
enquanto tudo dentro do corpo implode.

E eles dançavam
como se o mundo estivesse acabando do lado de fora.

Cada virada parecia capaz de quebrar ossos.
Cada pausa era um precipício.

Cada aproximação transformava o ar
em algo pesado, quente, quase impossível de respirar.

Ela inclinou a cabeça para trás.
Os cabelos escuros desceram
como uma cascata noturna sobre os ombros nus.
Ele a segurou pela cintura com firmeza brutal,
impedindo-lhe a queda.
Ou talvez impedindo a própria queda.

Porque naquele instante
nenhum dos dois conduzia mais nada.
O tango já os possuía.

E enquanto o último acorde morria lentamente no salão,
eles permaneceram imóveis, presos um ao outro,
como duas almas exaustas depois da batalha.
Não havia aplausos capazes de romper aquilo.

Porque certas danças não terminam.
Elas permanecem ardendo na memória,
como vinho forte na garganta
ou como a lembrança proibida de um corpo
que jamais conseguimos esquecer.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.